

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Percepções sobre a cidade entre os moradores do bairro da Malhangalene “A”, cidade de  
Maputo, Moçambique

**Autor:** António Eduardo Nhaposse

**Supervisora:** dra. Margarida Paulo

Maputo, Novembro de 2014

Percepções sobre a cidade entre os moradores do bairro da Malhangalene “A”, cidade de  
Maputo, Moçambique

Relatório de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de  
Letras e Ciências Sociais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em  
Antropologia.

Autor

Supervisora

---

António Eduardo Nhaposse

---

Margarida Paulo

Maputo, Novembro de 2014

O Presidente

---

A Supervisora

---

O Oponente

---

## **Declaração de Honra**

Declaro por minha honra que este trabalho de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para obtenção de qualquer grau académico.

António Eduardo Nhaposse

---

Maputo, Novembro de 2014

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus filhos; Eduardo António Nhaposse e Wesley António Nhaposse pelo amor, carinho e compreensão que me concederam durante os estudos. Que lhes sirva de inspiração para que valorizem os ensinamentos transmitidos em casa, comunidade e na escola.

Aos meus pais Eduardo Rungo Guirregane e Otília Helena da Conceição que me deram a dádiva da vida.

## **Agradecimentos:**

Ao dr. Emídio Gune na qualidade de orientador pelo apoio que me concedeu na finalização deste trabalho de modo que se tornasse uma realidade. Agradeço à dra. Margarida Paulo pela supervisão na elaboração do projecto, no trabalho de campo, na elaboração do trabalho e na revisão do texto final.

Aos informantes pela sua disponibilidade e pelas informações dadas de forma que o presente trabalho se tornasse uma realidade.

Aos meus irmãos Dércio Nhamposse e Laurinda Machava pelo apoio moral e material que me concederam durante os estudos. Igualmente agradeço aos meus filhos Eduardo e Wesley pela compreensão que tiveram quando precisavam de mim e eu estava ausente. E a todos os meus familiares que directa ou indirectamente me apoiaram durante os estudos.

Aos meus colegas e amigos da turma de 2009 nomeadamente: Edson Mugabe, Efraime Nhabanga, Hélder Amâncio, Mariza Chivangue, Midália Uamba e Sónia Bernardo porque sempre estiveram prontos para ajudar-me a ultrapassar dificuldades durante a realização do trabalho. Igualmente agradeço aos meus amigos Abdul Nhaquela, Alberto Mazive Gonçalves Cuco e Gonçalves Fundice pelo apoio moral que me concederam antes e durante os estudos.

Ao corpo docente do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane pela entrega e vontade de ajudar proporcionada durante a leccionação.

## **Resumo**

O presente estudo analisa as percepções que os moradores do bairro da Malhangalene “A” têm sobre a cidade. Especificamente, o trabalho descreve suas narrativas sobre a cidade. Adoptou-se como enfoque teórico o interaccionismo simbólico que permitiu compreender as percepções dos moradores através das interações estabelecidas entre os moradores e com o espaço. Tem como método a pesquisa qualitativa tais como: observação participante e entrevistas semi-estruturadas. A abordagem qualitativa e as técnicas usadas permitiram apreender as percepções dos moradores do bairro da Malhangalene “A” referentes à cidade. A pesquisa permitiu compreender que os moradores percebem a cidade como sendo a “zona de cimento” e como um espaço de oportunidades condicionadas pela centralização dos serviços públicos. Os dados etnográficos obtidos entre os moradores do bairro da Malhangalene “A” permitem concluir que os moradores percebem a cidade de acordo com seus sentimentos, suas trajetórias individuais e colectivas bem como suas expectativas.

**Palavras-chave:** Bairro da Malhangalene “A”, Cidade de Maputo e Percepções.

## **Índice**

Dedicatória.....	i
Agradecimentos: .....	ii
Resumo .....	iii
1.Introdução .....	1
2. Revisão de Literatura.....	5
2.1. Definição de Conceitos .....	8
3. Metodologia .....	9
4. Caracterização da cidade de Maputo .....	11
4. 1. Caracterização do universo de pesquisa.....	12
5. Percepções dos moradores sobre a cidade .....	12
5. 1.Cidade espaço de oportunidades e de deslumbre .....	15
5. 2. O Culto da Cidade .....	18
6. Conclusões preliminares .....	21

## **1.Introdução**

O presente trabalho é um relatório de pesquisa elaborado como requisito parcial das exigências para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Eduardo Mondlane. O trabalho analisa as percepções que os moradores do bairro da Malhangalene “A” têm sobre cidade.

A cidade pode ser observada e analisada por diferentes enfoques, desenvolvidos nos vários campos do conhecimento, tais como: Filosofia, História, Antropologia, Arqueologia, Arquitectura, Urbanismo, Geografia entre outros. O espaço urbano é um meio onde os indivíduos interagem e se relacionam em várias esferas.

O estudo tem como problemática o facto de se olhar a cidade no sentido do capitalismo, como instrumento de desenvolvimento e numa visão marxista de mercado, como espaço de reserva de mão-de-obra da burguesia. Simmel (1979), olha a cidade como sede da economia monetária, local de intensa divisão económica e social do trabalho bem como a expressão individual dos indivíduos e como espaço da relação de dominação. Estas abordagens estavam mais preocupadas com a essência histórica da cidade e tinham uma visão superficial e arbitrária da cidade, prejudicando deste modo a compreensão e o estabelecimento de acções voltadas para a sua complexidade.

Conduzimos a pesquisa a partir da discussão de duas abordagens. Uma abordagem que olha para a cidade como uma variável explicativa (independente) capaz de explicar por si só os vários fenómenos que ocorrem dentro dela. Esta visão percebe a cidade como capaz de criar uma cultura urbana marcada pela desorganização social e cultural. Considerando a cidade e a urbanização como forças desegregadoras.

Esta abordagem preocupou-se mais em estudar a “patologia social” ou problemas sociais e em compreender como a sociedade se organiza ou se estrutura, Wirth, defende que o aparecimento de uma cidade significaria o aparecimento de uma cultura com papéis sociais fragmentados contatos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações

sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controlo social directo, afrouxamento dos laços familiares e competição individualista. Este enfoque olha para a cidade como a causa dos vários processos sociais, enquanto a cidade é consequência e lugar onde ocorrem esses processos.

Em oposição a esta abordagem encontramos a abordagem culturalista, que procura explicar as dinâmicas sociais a partir das representações culturais dos seus membros. Neste caso, olham para a cultura como algo externo à sociedade, uma espécie de variável independente, e não um fenómeno produzido pelos homens resultante das relações sociais onde o comportamento social passaria então a ser explicado como resultado da cultura e não o contrário.

A abordagem culturalista limita-se por procurar explicar as situações de grupos sociais a partir das características da sua cultura, e, por isso, coloca de lado o pressuposto principal do culturalismo que é o relativismo cultural. Nesta perspectiva por exemplo, procura-se explicar a pobreza pela suposta ausência de uma "cultura urbana" ou de atitudes "modernas" por parte dos grupos.

Para a nossa pesquisa, tomamos como base o pressuposto dos estudos antropológicos no meio urbano, que ao estudar, observar o familiar e se preocupar com o quotidiano dos grupos sociais, têm produzido resultados que frequentemente tendem a refutar as proposições de teorias sobre as consequências da urbanização e da vida em cidades. Mostrando que existe uma variedade de práticas e orientações sociais e culturais e não uma homogeneização cultural distribuída em todas as áreas de envolvimento social, pois a cidade assim como a língua, é ao mesmo tempo instrumento e cenário das relações sociais.

Tendo em conta que as actividades humanas estão social e fisicamente ancoradas aos lugares onde se vive, se trabalha e aos que se visitam, tivemos como pergunta de partida: *que percepções os moradores do bairro da Malhangalene "A" têm sobre a cidade?*

Para compreender as percepções sobre a cidade entre os moradores do bairro da Malhangalene "A" adoptou-se como perspectiva teórica o interaccionismo simbólico, por valorizar a análise das relações socioculturais e por preocupar-se com o modo como as pessoas apreendem durante a interacção em geral e a socialização em particular. Esta perspectiva permitiu-nos compreender

as interações que os moradores do bairro da Malhangalene “A” estabelecem entre eles e com o espaço.

As cidades são fruto de realizações humanas, uma criação que foi sendo moldada ao longo de um processo histórico e que ganhou materialização diferenciada, em função de determinantes históricos específicos. A cidade passa a ser um reflexo de como vivem seus cidadãos uma vez que eles produzem e reproduzem o espaço através de sua faculdade de pensar, de compreender, misturado com suas ações, razão e emoções. Compreende-se desse modo que os cidadãos percebem sua cidade de acordo com seus sentimentos, criando em seu imaginário uma representação da cidade (Vialli 2006).

Na cidade não só interagem os indivíduos que nela habitam, mas também os representa nas ruas, praças e monumentos, passando a ser uma interlocutora que se comunica mediante suas construções e formas (Vialli 2006). Neste sentido, a discussão sobre a cidade enquadra-se no sistema de relações que se estabelecem entre as pessoas e o espaço, através dos papéis que cada um destes intervenientes tem nestas relações. Daí, as percepções que os moradores do bairro da Malhangalene “A” têm sobre a cidade constituem um interesse para uma abordagem antropológica.

Low (1997) mostra que a cidade é objecto de diferentes abordagens tais como: a que pensa cidade étnica vista como um espaço para discutir a imigração ilegal e o desenvolvimento de políticas étnicas, cidade de género onde se debate o espaço da mulher na sociedade moderna, a criação de uma visão nova de pobreza urbana, dos sem-abrigo e cidade global que sugere uma imagem urbana baseada nos direitos de propriedade comunal e colectiva. Esta abordagem foi chamada para fazer questionamentos.

Segundo Hannerz (1980), o urbanismo Yoruba aparece com os primeiros contactos com os europeus na costa africana. As cidades Yoruba estavam em conformidade com a forma como elas eram vistas pelos teóricos urbanos do ocidente, que viam a cidade em termos do número da população, das infra-estruturas existentes e dos serviços oferecidos.

A cidade não é o único local onde se pode estudar a ligação entre a economia capitalista global e as práticas diárias, mas a intensificação e ocorrência desses processos podem ser melhor compreendidas neste espaço como defende Low (1997).

A cidade não é reificação (real ou objectiva), mas sim o foco a partir do qual as manifestações culturais e sociopolíticas da vida urbana e práticas diárias. E também oferece uma posição importante para criticar a “nova ordem mundial” (Low 1997: 403).

Esta pesquisa procurará compreender as percepções sobre a cidade entre os residentes de um espaço urbano da cidade de Maputo. Usaremos a abordagem que mostra que existe uma variedade de práticas e orientações sociais e culturais e não uma homogeneização cultural distribuída em todas as áreas de envolvimento social e também a defendida por Agier (1999) que parte dos lugares e dos cidadãos para compreender as situações de interacção dos indivíduos nos seus respectivos contextos relacionais. Argumenta que na análise da cidade, também se deve tomar em conta os aspectos inter-relacionais entre os indivíduos que fazem a cidade.

A pretensão em realizar esta pesquisa, surge da necessidade de compreender como as pessoas percebem a cidade. Sabendo que as percepções sobre a cidade são contextuais, dependendo dos quadros culturais que estruturam as sociedades, surgiu o nosso interesse em compreender as suas percepções sobre a cidade. O estudo surge da necessidade de compreender como os moradores percebem a cidade, visto ela encontrar-se em crescimento e existindo lugares considerados “ser” ou “estarem” na cidade e outros não.

Pensamos a cidade como um espaço de sociabilidade e para entendê-la temos de ter em conta todos os aspectos que a compõem como ilustra Gluckman (1987: 261) ao enfatizar o significado do conflito na vida social, contrariando a visão funcionalista de equilíbrio, mostrando que a existência da burocracia, heterogeneidade e anomia como características (contextuais) das cidades, não devem ser colocadas de lado, se quisermos compreender a forma como as sociedades se organizam e funcionam.

Este trabalho tem como objectivo geral compreender as percepções dos moradores do bairro da Malhangalene “A” sobre a Cidade de Maputo. Para a concretização do nosso objectivo geral, traçamos os seguintes objectivos específicos: i) Identificar os moradores do bairro da

Malhangalene “A”; ii) Descrever as trajetórias individuais (histórias de vida) dos moradores do bairro da Malhangalene “A”; iii) Analisar os discursos dos moradores do bairro da Malhangalene “A” sobre a Cidade de Maputo.

Este trabalho é apresentado em cinco capítulos. Feita a introdução segue-se o primeiro capítulo que é destinado à apresentação da revisão de literatura onde são apresentados os principais pontos de reflexão dos autores sobre a cidade. No segundo capítulo apresenta-se a metodologia onde apresenta-se o método usado e as suas respectivas técnicas.

No terceiro capítulo apresenta-se a caracterização da cidade de Maputo e do bairro da Malhangalene que é o contexto da pesquisa, no quarto capítulo apresenta-se os dados do estudo apresenta-se as trajetórias dos moradores e as percepções dos moradores sobre a cidade. Por último, o quinto capítulo, apresenta-se as conclusões preliminares do estudo realizado no bairro da Malhangalene “A”.

## **2. Revisão de Literatura**

Durante o processo da revisão de literatura deparou-se com trabalhos que abordam sobre o crescimento das cidades e quase nenhum ligado às percepções dos moradores sobre a cidade, por isso a nossa revisão de literatura seguiu a bibliografia existente sobre a cidade. O crescimento da cidade é visto a partir das periferias como enfatizam Gutterres (S/d), Durham (1986), Salvador (2004) a partir dos trabalhos que foram realizados nas cidades moçambicanas, angolanas e brasileiras.

Durham (1986) mostra que os moradores das pequenas cidades têm uma visão comparativa em relação à cidade e a valorizam tendo em conta os níveis espacial, social, moral, a existência de recursos e a ordem económica vista a partir da capacidade de se obter com facilidade ou não, os bons empregos.

Baseando-se na imagem de progresso, usada como via positiva de crescimento da cidade, Gutterres (S/d) traz a noção de risco para discutir o arranjo das práticas fundadoras do espaço

citadino onde se considera que todas as práticas sociais planeadas, acontecem de processos não planeados o que é visível nas periferias.

No mesmo prisma, Salvador (2004) mostra a partir do estudo realizado entre os moradores das periferias das cidades de Maputo e de Luanda, que é nas periferias das cidades que ocorrem mudanças mais significativas. Mostra ainda que nas grandes cidades africanas após a independência houve um crescimento explosivo da população proveniente em grande parte das zonas rurais e de outros países, transformando as periferias em estaleiros.

Como mostra Uriarte (S/d) para entender o relacionamento entre estranhos numa cidade significa necessária e previamente, entender como é a estrutura social e a diversidade cultural dos habitantes de uma cidade. Na mesma linha de abordagem Coelho (2008) defende que a fisionomia da cidade é dada pela dinâmica dos sujeitos que a ocupam e que a cidade é plural, colectiva e polifónica

Para Wirth (1973), tal como para Simmel (1979), a cidade é palco de forças contraditórias. A liberdade e autonomia são conquistadas em detrimento de vínculos mais fortes com os diversos grupos sociais. A participação na vida colectiva é dificultada por essa fragmentação, pela multiplicidade de papéis sociais assumidos pelos indivíduos, a cidade não é apenas uma entidade física, mas um modo de vida (Salvador 2004).

Simmel (1979) olha a cidade como sede da economia monetária, local de intensa divisão económica e social do trabalho bem como a expressão individual dos indivíduos. Por sua vez, Magnani (1998) propõe um enfoque de perto e de dentro, capaz de permitir traçar o movimento de alguns processos urbanos e reconhecer as articulações entre suas dinâmicas, ao em vez da habitual perspectiva *de longe* ou *de passagem*.

Rocha e Eckert (2010) consideram que a cidade e seus arranjos da vida social, no contexto das actuais modernas sociedades complexas, devem ser pensados desde a perspectiva das durações de instantes descontínuos que orientam a experiência humana de seus habitantes, os quais, além de serem actores e autores, também assumem o lugar de personagens da vida urbana com qualidade narrativa.

Tendo por objecto de reflexão as cidades modernas, a ênfase interpretativa dá-se sobre as formas de organização e interacção entre indivíduos e suas redes de relações como campos de negociação da realidade em múltiplos planos (Rocha e Eckert 2010).

O estudo na cidade privilegia os seus actores sociais tornando-os objectos de interesse do antropólogo na medida em que revelam seu comportamento e acções simbólicas como defende Magnani (1999).

Simmel (1979: 21,24) caracteriza a metrópole como multiplicação da quantidade de atitudes a que as pessoas estão sujeitas. A característica fundamental da metrópole é sua extensão funcional para além de suas fronteiras físicas, de seus limites imediatos. Nesse espaço, o homem teve a possibilidade de desfazer-se de amarras que empediam sua liberdade no que tange aos relacionamentos intelectuais e sociais. A independência individual e a própria elaboração da individualidade nutriram-se das condições proporcionadas pela vida metropolitana.

As cidades são categorizadas em termos políticos, funcionais ou estéticos. Esta forma de leitura sobre a cidade oferece modelos de cidade felizes, funcionais ou belas. Tais tipologias dão origem a discursos eufóricos ou disfóricos, que traduzem a sua aceitação ou a sua recusa, a felicidade e a beleza ou o desconforto e a miséria. A cidade aparece, de facto, como um sistema de inter-relações com o meio (Fernandes 1994; 94-97).

Segundo Teixeira (1992), a construção social do espaço é marcada na cidade, pela centralidade e pela sacralidade. Trata-se de um espaço descontínuo, em correspondência com a própria visualidade do mundo simbólico.

Das abordagens acima usou-se em particular a adoptada por Magnani (1998) por propor um enfoque de perto e de dentro que é capaz de permitir traçar o movimento de alguns processos urbanos e reconhecer as articulações entre suas dinâmicas, ao invés da habitual perspectiva *de longe* ou *de passagem* e também a perspectiva defendida por Durham (1986) que mostra a existência de uma visão comparativa em relação à cidade e a valorizam desta tendo em conta os níveis espacial, social, moral, a existência de recursos e a ordem económica. Estas abordagens permitiram compreender as percepções dos moradores do bairro da Malhangalene “A” sobre a cidade.

## **2.1. Definição de Conceitos**

Para os antropólogos, as percepções são culturalmente e historicamente específicas, isto é, as percepções são socialmente construídas. Os antropólogos argumentam que a cultura pode construir e restringir processos psicológicos (Ingold, 2000).

As percepções sociais sobre um fenómeno, variam de acordo com a forma como elas são convencionadas, isto é, a construção das percepções sobre um certo fenómeno está dentro de um processo articulado de dimensões como económico, social, religioso, parentesco e simbólico e político. Essas percepções podem ser positivas ou negativas dependendo do ponto de vista e metas alcançadas de cada indivíduo ou grupo social (Ingold, 2000).

Iremos olhar as percepções dos moradores do bairro da Malhangalene “A” a partir das abordagens das ciências sociais que afirmam que as percepções sobre a realidade social são culturalmente e historicamente específicas e construídas. Elas podem ser positivas e /ou negativas dependendo do ponto de vista e objectivos do indivíduo ou grupo social. (Berger e Luckmann 1967; Howes 2010).

Discutido o conceito de percepções a seguir discutiremos o conceito de cidade tendo em conta alguns autores, como é o caso de Castells que vê a cidade nesta perspectiva.

Castells diz que “a cidade é a projecção da sociedade no espaço. É um sistema de trocas entre diferentes sectores que ocupam um lugar e preenchem uma função determinada onde cada sector contribui para o funcionamento interno da cidade” (Castells 1983:138; 1993:146).

A construção da cidade traduz a história da produção e da reprodução das relações sociais. Fernandes argumenta que a produção da cidade é uma escrita, embora a sua leitura não seja totalmente feita de acordo com essa escrita. A cidade é um sistema que emite mensagens e desperta sensações, e assim se transforma facilmente também em campo ideológico (Fernandes 1994; 94-97).

Wirth (1973:94-96), concebe a cidade como “um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogéneos.” Atentando para os aspectos de tamanho, localização, idade e função, o autor considera possível classificar comunidades urbanas que

variam de pequenas cidades, lutando para manter-se, até prósperas metrópoles mundiais. Essa definição é interessante na medida em que associa intimamente os seus elementos constitutivos.

Segundo Silva (2006), as noções de casa, aldeia, cidade e país são tanto espaciais quanto sociais. Reproduzem não só as relações individuais, mas também testemunhos da memória colectiva em tudo o que esse conceito encerra (o percurso histórico, as suas adversidades e conflitos internos e externos).

A noção de cidade definida por Silva (2006) aproxima-se da forma como os moradores do bairro da Malhangalene “A” percebem a cidade, por isso a usaremos como condutora da pesquisa.

### **3. Metodologia**

O presente trabalho adoptou a abordagem qualitativa de carácter exploratório. Segundo Minayo e Sanches (1993: 244) “a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objecto, por serem da mesma natureza e também por se envolver com empatia nos motivos, intenções e nos projectos dos actores, a partir das quais as acções, as estruturas e as relações tornam-se significativas”. “A pesquisa qualitativa requer uma atitude de desligamento em relação à sociedade que permite ao investigador observar a conduta do eu e dos outros, entender os mecanismos e processos sociais, compreender e explicar porque os actores e os processos são o que são” (Denzin e Lincoln 2006: 49).

Este método permitiu apreender as percepções dos moradores do bairro da Malhangalene “A” referentes à cidade, também as suas trajectórias de vida na cidade que nos permitem discutir e mostrar as percepções dos moradores.

Este estudo foi realizado em três fases nomeadamente a revisão de literatura, a pesquisa etnográfica e a análise dos dados etnográficos. A consulta de literatura foi feita nas bibliotecas Brazão Mazula, no Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA). Nestes locais foram consultados materiais sobre a Antropologia urbana.

Na segunda fase foi feita a pesquisa etnográfica no bairro da Malhangalene “A”, cidade de Maputo, Moçambique na qual foi feita a recolha de dados. A recolha de dados foi feita em dois

período, um compreendido entre Julho a Outubro de 2012 e outro entre Junho a Julho de 2013. O segundo período do trabalho de campo foi para complementar o trabalho de campo realizado no primeiro período. Nos aspectos relativos a percepções sobre a cidade que não tinham sido explorados no primeiro período da pesquisa de campo. Para poder ter acesso às conversas com alguns informantes e com a estrutura do bairro foi necessário apresentar credenciais, durante este processo fui acompanhado por um amigo que facilitou a aproximação e comunicação entre o investigador e os informantes. A selecção dos entrevistados foi feita com recurso à técnica da bola de neve, que ocorreu na medida em que depois de ter conversado com o primeiro informante ele apresentou-me mais outros dois e estes aos outros.

A recolha de dados foi feita com recurso às técnicas de conversas informais, entrevistas semi-estruturadas e a observação directa. Os entrevistados foram atempadamente informados sobre os objectivos da pesquisa e, todos os entrevistados se manifestaram disponíveis para participar no estudo. A gestão do tempo por parte dos informantes constituiu em obstáculo para a realização das conversas, situação ultrapassada com muito esforço e insistência por parte do investigador, através das idas constantes aos locais de encontro no período entre as 17 horas e 18 horas durante a semana laboral e nos finais de semana.

As conversas foram feitas dentro e fora das casas dos informantes. Tiveram uma duração média de quarenta e cinco minutos e todas eram registadas num bloco de notas. As conversas e entrevistas semi-estruturadas ajudaram a compreender as percepções dos moradores sobre a cidade. Pois, os informantes falavam das suas experiências na cidade, suas expectativas em relação à cidade.

No geral, a pesquisa etnográfica permitiu recolher dados referentes às trajectórias de vida dos moradores e suas percepções em relação à cidade. Por último, na terceira fase foi feita a análise e interpretação dos dados etnográficos à luz do interaccionismo simbólico. As Percepções dos moradores foram analisadas com base nas tendências das respostas. De salientar que como forma de protecção da identidade dos informantes usou-se pseudónimos para os designar, porque alguns não queriam ser identificados com a informação concedida ao investigador.

No total foram entrevistadas 9 pessoas com idade compreendida entre os 25 e 65 anos de idade. O nível de escolaridade varia entre a 8<sup>a</sup> classe do Sistema Nacional de Educação e a licenciatura.

Os moradores do bairro da Malhangalene “A” entrevistados são todos de nacionalidade moçambicana. Eles são trabalhadores, vendedores/comerciantes e domésticas, na sua maioria com experiência de vivência em outros bairros da cidade de Maputo e de outras províncias de Moçambique.

#### **4. Caracterização da cidade de Maputo**

A cidade de Lourenço Marques actualmente Cidade de Maputo, ascendeu de vila à categoria de cidade há 10 de Novembro de 1887 por decreto real, a partir do dia 3 de Fevereiro de 1976 a capital de Moçambique passa a ser designada cidade de Maputo durante um comício público proferido pelo primeiro Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel (Lemos 1987: 12-13).

Segundo o Anuário Estatístico (2010), o município de Maputo possuía em 2007 uma população de cerca de 1 094 315 habitantes dos quais 532 429 eram homens e 561 886 mulheres. Estimando que até 2017 atinja cerca de 1 350 642 habitantes dos quais 657 143 são homens e 693 499 mulheres.

Quanto à divisão administrativa, o município de Maputo está dividida em 7 distritos municipais denominados Distrito Municipais que se subdividem em 45 bairros.

O distrito Municipal KaMpfumo é composto pelos bairros do Alto-Maé “A” e “B”, Central “A”, “B” e “C”, Coop, Malhangalene “A” e “B”, Sommershield e Polana “A” e “B”. O distrito Municipal KaNlhamanculo é composto pelos bairros do Chamanculo “A”, “B”, “C” e “D”, Aeroporto “A” e “B”, Minkadjuine, Munhuana, Xipamanine, Unidade “7” e Malanga. O distrito Municipal KaMaxakene é composto pelos bairros da Mafalala, Maxaquene “A”, “B”, “C” e “D”, Polana Caniço “A” e “B”. O distrito Municipal KaMavota é composto pelos bairros Albazine, Costa do Sol, FPLM, Ferroviário, Hulene “A” e “B”, Laulane, Mavota, 3 de Fevereiro e Mavalane “A” e “B”. O distrito Municipal KaMubukwana é composto pelos bairros Luís Cabral, Jardim, Nsalene, Inhagoia “A” e “B”, 25 de Junho “A” e “B”, Bagamoio, George Dimitrov, Malhazine, Zimpeto e Magoanine “A”, “B” e “C”. O distrito Municipal KaTembe é composto

pelos bairros Incassane, Chamissava, Guachene, Inguide e Chali. O distrito Municipal KaNyaka é composto pelos bairros Inguane, Ribzeni e Nhaquene.

#### **4. 1. Caracterização do universo de pesquisa**

O universo desta pesquisa constitui o Bairro da Malhangalene “A” que cobre as avenidas Paulo Samuel Nkankomba, Marien Ngouabi, Olof Palme, Emília Dausse e Rua da Resistência. Este bairro está limitado a norte pelo bairro da Coop, a este pelo bairro da Sommershield, a sul pelo bairro Central “A” e a oeste pelo bairro do Alto-Maé. Este bairro é residencial e comercial com cerca de 6618 habitantes segundo o Censo de 2007. E está estruturado em 31 quarteirões com os seus respectivos chefes de quarteirões, de 10 famílias, Organização da Mulher Moçambicana – OMM e Organização da Juventude Moçambicana – OJM que fazem parte do conselho do bairro. Os moradores têm como suas actividades económicas o comércio e o emprego em empresas públicas e privadas ligadas a vários sectores. Existe no bairro da Malhangalene “A” um Posto de Saúde e dois consultórios Médicos, um centro infantil e cinco escolas primárias completas das quais, duas são públicas e as restantes são privadas, e um Instituto Médio.

#### **5. Percepções dos moradores sobre a cidade**

Da pesquisa de terreno pudemos perceber que apesar de os moradores aceitarem que a cidade em termos administrativos se estende para além do centro incluindo as periferias, para um informante a cidade é vista como o centro, como ilustra a afirmação abaixo:

*Podemos viver em edifícios estragados, pode até ser num terraço apertado, mas desde que seja no centro da cidade, porque aqui estamos perto de tudo, os empregos e os Hospitais<sup>1</sup>.*

As pessoas vivem nos terraços devido ao aumento da população e de pessoas que querem viver na cidade e insuficiência de casas. Assiste-se dois cenários, um no qual os proprietários dos

---

<sup>1</sup> Informante Alberto.

apartamentos arrendam ou vendem e depois vão viver nos terraços e outro onde arrendam os terraços a pessoas interessadas, como ilustra a afirmação abaixo:

*“Estou a viver no terraço porque arrendamos a nossa casa no primeiro andar para poder partilhar o valor com os meus irmãos que é usado para pagar as nossas despesas. Estou aqui também porque fica perto de tudo que preciso para realizar a minha actividade comercial”<sup>2</sup>.*

Para os moradores os edifícios estão estragados devido à forma como são cuidados ou não pelos seus proprietários ou inquilinos. As pessoas vivem nos terraços porque, primeiro precisam de casas para o efeito e elas existem em menor número em relação aos interessados, também porque segundo os moradores estariam perto dos locais de trabalho, lazer e para tratar assuntos do seu interesse.

Um outro morador do bairro da Malhangalene “A” disse:

*Cidade é a zona do cimento onde tem prédios, estradas alcatroadas, com facilidades de chegar ao Hospital há qualquer hora quando for necessário, ter acesso aos serviços bancários, notariado<sup>3</sup>.*

Na mesma linha um outro morador disse:

*Cidade é estar perto de infraestruturas. Com possibilidade de ir ao hospital a qualquer hora, poder resolver com facilidade os diferentes problemas que possam surgir, diferente de estar nos bairros suburbanos. Cidade é luz, são os prédios, as estradas alcatroadas, passeios pavimentados, edifícios com mais de dois andares<sup>4</sup>.*

Esta ideia também é partilhada por estes informantes ao afirmarem que:

---

<sup>2</sup> Informante Carlos

<sup>3</sup> Informante Carlos.

<sup>4</sup> Informante Macamo.

*“Cidade é a zona de cimento desde a Av. Joaquim Chissano até a baixa da cidade de Maputo, onde existem prédios e estradas alcatroadas. A cidade tem de ser limpa, mais organizada porque esta não está. Viver na cidade facilita o acesso ao mercado de emprego, hospitais e locais de diversão”<sup>5</sup>.*

*“Cidade é aquele lugar que tem todas as infraestruturas necessárias, como os hospitais, escolas, mercado de emprego, creches, mercados organizados e lojas. Onde os carros que circulam devem estar e serem bem cuidados para se evitar a poluição ambiental. As pessoas devem saber levar os carros com problemas para serem reparados, saber estacionar. Devem existir regras e serem respeitadas”<sup>6</sup>.*

Das afirmações dos informantes acima ficou evidente que eles descrevem sua cidade por meios de seus equipamentos materiais e físicos, como por exemplo: os hospitais, escolas e as estradas alcatroadas. No geral, os informantes ao falarem de cidade mostram um espaço que deve proporcionar cuidados de saúde, daí encontrarmos como uma das referências a existência de hospitais. Há várias maneiras de se ver o mundo e cada imagem e ideia a respeito do mundo são formuladas a partir da experiência pessoal, do aprendizado, da imaginação e da memória. Estas experiências compõem o quadro colectivo e individual da realidade. Estes posicionamentos mostram a visão materialista e comparativa que os moradores têm sobre a cidade, e ela é partilhada por Durham (1986).

No mesmo deapasso encontramos o informante Salomé que afirma que cidade é a área do cimento enquanto as outras são arredores da cidade, enquanto para o informante Caito, a cidade para além de ser a área do centro/cimento é também um espaço que oferece oportunidades de emprego e para fazer comércio.

Quando perguntados sobre modelos de cidade tivemos respostas variadas como ilustram as afirmações abaixo:

---

<sup>5</sup> Informante Maria

<sup>6</sup> Informante Joana

*As duas cidades que visitei (Johansburg e Cidade de Cabo) são muito bonitas, mais organizadas em termos de serviços oferecidos ao cidadão, são limpas em relação à cidade de Maputo apesar de agora andarem um pouco com lixo<sup>7</sup>.*

O informante Mazive pensa as cidades sul-africanas como modelo segundo as condições que elas apresentam, desde a forma como foram projectadas até a forma como oferecem os serviços para os cidadãos.

Um outro morador quando perguntado sobre o modelo de cidade respondeu nos seguintes termos:

*Uma cidade deve ter boas estradas, transportes de passageiros, diferente do que tem acontecido nesta cidade onde usa-se camiões de caixa aberta para transportar passageiros como se de carga se tratasse<sup>8</sup>.*

Para este informante a cidade estava limpa e organizada no tempo colonial como atestam as suas palavras:

*No tempo colonial a cidade encontrava-se mais limpa e organizada, não existiam pessoas a venderem nos passeios como acontece agora. Também os prédios estavam mais organizados e em boas condições<sup>9</sup>.*

Das afirmações acima constata-se que o morador do bairro da Malhangalene “A” entrevistado tem como modelo uma cidade limpa, sem lixo, com estradas e disponibilidade de transporte públicos.

### **5. 1.Cidade espaço de oportunidades e de deslumbre**

Os moradores do bairro da Malhangalene “A” percebem a cidade a partir das oportunidades de emprego e comércio que a cidade lhes oferece. Local que possibilita a obtenção de empregos, com infra-estruturas hospitalares, supermercados e por uma forma própria de relacionamento.

---

<sup>7</sup> Informante Mazive.

<sup>8</sup> Informante Salome.

<sup>9</sup> Informante Sandra

Consideram cidade como centro de tudo, como um espaço que deslumbra as pessoas, fazendo com que elas não queiram sair dela. Mas, as oportunidades e o deslumbramento não são exclusivos da cidade, como mostram os depoimentos dos informantes abaixo:

*“Viver na cidade: é estar limitado, não se pode ampliar a casa, não se pode ter uma machamba nem capoeira”<sup>10</sup>.*

*“Se pudesse construir uma casa agora faria no bairro da Machava Socimol onde muitos jovens não querem devido a distância. Aqui na cidade vive-se de aparências, há caso de pessoas que pagam renda no valor de trinta mil meticais, mas têm dificuldades em comprar comida e saem de casa bem vestidos e com roupas caras<sup>11</sup>”.*

Os dados recolhidos revelam que os moradores olham para a cidade como um espaço que oferece empregos que permitem a realização dos seus sonhos devido à possibilidade de aceder aos serviços que se encontram centralizados. Também, como modo de estar, ser, que podem ser representadas através da forma de vestir, falar, de como se comportar perante os outros.

Mostram ainda que se por um lado, a cidade proporciona algumas expectativas a nível profissional; por outro lado a mesma cidade proporciona oportunidades de se fazer o comércio como revela o nosso entrevistado:

*Aqui na cidade é fácil ir à escola e até a universidade, fazer cursos profissionalizantes, tirar carta de condução e mais coisas como fazer negócios de geração de renda para alimentar a família<sup>12</sup>.*

Esta forma de pensar está ligada às percepções que os moradores têm sobre a cidade, como defende Ingold (2000), quando olha as percepções como estando dentro de um processo articulado de dimensões, como as dimensões económica, social, religiosa, parentesco, simbólica e política.

---

<sup>10</sup> Informante Carlos

<sup>11</sup> Informante Maria

<sup>12</sup> Informante Macamo

Na mesma linha um outro morador disse:

*Na cidade podemos com facilidade fazer negócio de geração de renda para a sobrevivência. Por exemplo eu sou comerciante, aprendi com meu pai e minha mãe, ele tem uma loja na baixa da cidade onde tenho ido trabalhar com ele e minha mãe tinha uma banca no quintal do prédio, isto é possível porque as pessoas realizam as suas actividades neste espaço<sup>13</sup>.*

Perguntada, o porquê viver na cidade, respondeu nos seguintes termos:

*“Vivo na cidade porque a vida obriga. Tenho casa no bairro da Zona Verde, mas fica difícil sair de lá para o serviço e levar as crianças à escola devido às vias de acesso, por isso optamos por arrendar esta casa para podermos estar perto”. “Viver na cidade não é prazer é necessidade, prazeroso é viver na minha casa no bairro da Zona Verde onde tenho espaço para realizar minhas actividades”. A vida na cidade é um estresse, podes comprar carro, mas não existem estradas em condições por onde andar.*

De um modo geral, as percepções permitiram compreender que a cidade é vista como sendo apenas a chamada “zona de cimento” e um espaço que fornece oportunidades de emprego para a materialização dos seus sonhos. Esta percepção dos moradores é influenciada pelas experiências de outros espaços onde eles se movem ao longo das suas trajectórias de vida. As percepções sobre cidade como espaço de oportunidades está ligada à questão da centralização dos serviços públicos considerados importantes para os informantes.

A cidade é um espaço de dinâmicas, assume características adaptadas ao contexto social, económico e político o que implica práticas e racionalidades adaptadas as condições específicas. A centralização dos serviços públicos, como escola, hospitais, emprego e as actividades comerciais sejam elas formais ou não tem sido um atractivo aos cidadãos, pois desse cenário perspectiva-se a oportunidade de um futuro melhor que nem sempre significa morar no centro da cidade, olhando-a como um local onde a actividade económica é mais rentável, com maior circulação de bens e produtos, ponto de encontro entre consumidores e fornecedores.

---

<sup>13</sup> Informante Carlos

Estar na cidade também é interpretado como um momento de transição de um estado para o outro.

*Moro na cidade porque cresci aqui, e é bom porque temos acesso a tudo, mas a ideia é mudar porque não há vida...*

Nota-se um paradoxo em relação a ideia da cidade enquanto espaço de oportunidades, pois, por um lado as pessoas tem acesso a diversos bens e serviços, aparecendo como o espaço de realização de várias actividades, por outro lado, aparece como lugar segundo a informante<sup>14</sup> onde *não há vida*, isto porque:

*Tudo é caro, existe muito lixo, bandidos e nós moradores dos prédios não cuidamos do espaço que compartilhamos deixando-o sujo, por isso vou procurar um outro local para morar, comprar um terreno e fazer o que quiser.*

Daí surge a ideia da apropriação do espaço da cidade como um ponto de partida para seu bem-estar, casa própria, um novo contexto onde pode-se estar.

## **5.2. O culto da cidade**

Com o desenvolver das cidades e a dinâmica transcultural dos povos, a antropologia interessou-se em estudar a disseminação da organização social, o urbanismo, que Wirth (1979) entendeu-o como estilo de vida, que para além da estrutura física, existe um modo de pensar específico correspondente ao sistema de organização social.

O ciclo de vida citadino envolve mais pessoas e pensa-se que estas pessoas mantêm relações superficiais, quando comparadas às relações de solidariedade no meio rural. Uma vida de indiferença, discreta, com o limite de que dependem de várias actividades e de várias pessoas indirectamente, depende das especificações das actividades um do outro para manter a vida urbana, que está ligada ao ganho de dinheiro, o que podemos chamar de culto da cidade.

---

<sup>14</sup> Salomé

Um informante ao falar da sua rotina disse<sup>15</sup>:

*Saio cedo e vou trabalhar, de noite vou à faculdade é onde consigo criar amizades, tenho dedicado maior parte do meu tempo, no serviço e faculdade*

Outro informante disse<sup>16</sup>:

*Passo tempo no Mercado a vender e volto à casa ao anoitecer, as minhas amigas são do mercado.*

Tanto o informante Salomé quanto o Carlos, embora em actividades diferentes, mostram que estar na cidade é estar envolvido em actividades, a maior parte do seu tempo é passado em actividades que são de natureza lucrativa e fora de casa, isso expressa o modo de pensar e ideias que tem de estar na cidade. Estar na cidade expressa-se também no modo como os moradores tem se dirigido uns aos outros ao se cumprimentarem.

Veja-se:

*Y<sup>17</sup>: Há quanto tempo?*

*Maria: São ocupações, é escola, é trabalho, não há tempo agora é só correria.*

O que para a moradora *correria* significa ir a busca do bem-estar, através do trabalho e formação, estas actividades são o meio pelo qual se busca dinheiro, para o sustento.

Um outro morador do bairro disse<sup>18</sup>:

*O dinheiro é escasso, não se pode ter plantando e colhendo como se faz com as plantas na machamba, o único jeito de ter é trabalhando, por isso encaminhei todos meus filhos a escola.*

O dinheiro tem sido o elemento pelo qual as pessoas fazem escolhas, moldam suas vidas, decidem em que actividades se envolver ou não. A escolaridade tem sido também uma das opções que com frequência os moradores mencionaram, pela ideia que se tem de que a partir

---

<sup>15</sup> Salomé

<sup>16</sup> Carlos

<sup>17</sup> Moradora do bairro da Malhangalene "A" não entrevistada

<sup>18</sup> Macamo

dela garante-se um futuro melhor e o trabalho acima de tudo por ser fonte directa do dinheiro. E é dentro dessa busca pelo dinheiro que se percebe a concepção da cidade por parte dos moradores.

Pode-se verificar através do diálogo entre a moradora Maria e Y<sup>19</sup>, anteriormente apresentado. O tempo deve ser racionalizado dentre as actividades a executar diariamente, ir à escola, ao trabalho, cuidar da casa, vender, entre outras actividades. Quando se trata do final de semana, os moradores tendem a agendar suas actividades tomando em conta que vão regressar às suas actividades rotineiras.

Disse a moradora<sup>20</sup>:

*Quando chega sexta-feira, sinto um certo alívio, porque descanso das actividades da semana e de noite saio para me divertir ou com meu marido ou com minhas amigas do trabalho, aí posso ficar de ressaca até sábado, mas domingo devo estar descansada e lúcida para ter energia para o trabalho na segunda-feira.*

Isso mostra a circulação dos moradores dentro da organização social, política e económica que a cidade oferece, a sua manutenção depende da importância que os moradores dão às suas actividades, e dessa dinâmica e funcionamento da cidade depende a circulação do capital de que os moradores precisam adquirir-lo como a forma de sobrevivência nesse meio.

A racionalização do tempo na cidade faz com que os moradores se encontrem com menos frequência, havendo caso em que alguns não conheçam os moradores com quais dividem o prédio.

*Não conheço todos do prédio devido a falta de tempo, só agora descobri que uma prima minha mora no 4° andar a 6 meses e só soube porque procurava por serviços de um electricista e me foi indicado que fosse ter com um senhor, que veio a ser o cunhado da minha prima<sup>21</sup>.*

---

<sup>19</sup> Moradora do bairro da Malhangalene “A” não entrevistadas

<sup>20</sup> Joana

<sup>21</sup> Alberto

Um outro informante disse:

*Envolvi-me em um acidente de carro, fui parar na esquadra do Hospital Central e no dia seguinte encontrei-me nas escadas com o proprietário do carro e soube desde então que era um vizinho do 7 andar<sup>22</sup>.*

As relações são instrumentalizadas, a busca pelos bens e serviços proporcionam a criação de redes sociais. O dinheiro proporciona uma certa liberdade individual, por ser o meio universal de se ter acesso a bens e serviços o que torna as relações dependentes dele. O dinheiro é o garante da realização dos desejos, da satisfação e conseqüente bem-estar, proporcionando distinção entre os moradores.

## **6. Conclusões preliminares**

O presente estudo tinha como objectivo analisar as percepções que os moradores do bairro da Malhangalene “A” têm sobre a cidade. Especificamente, o trabalho apresenta as percepções dos moradores sobre a cidade.

Os dados etnográficos permitem-nos concluir que as percepções sobre a cidade variam de acordo com os tipos de actividades realizadas pelos moradores, nível de escolaridade e dos condicionalismos que a mesma cidade oferece para cada indivíduo. Também a cidade é percebida pelos moradores como sendo um espaço que lhes fornece oportunidades de obter melhores empregos com vista a materialização das suas expectativas. Esta percepção dos moradores é influenciada por experiências de outros espaços onde eles circulam durante as suas trajectórias de vida, mas também pelo facto dos serviços públicos se encontrarem centralizados.

Em relação ao percurso dos moradores o estudo permitiu compreender que os moradores do bairro da Malhangalene “A” chegaram à cidade de diversas formas. Uns chegaram motivados

---

<sup>22</sup> Macamo

pela melhoria de vida; outros chegaram depois da independência, no período das nacionalizações.

A pesquisa permitiu compreender que os moradores percebem a cidade como sendo apenas a “zona de cimento” e como um espaço de oportunidades. Estas percepções são condicionadas pelas várias maneiras de se ver o mundo formuladas a partir da experiência pessoal, do aprendizado, da imaginação e da memória e compõem o quadro individual e social da realidade.

Também permitiu compreender que para além das estruturas, leis e regras da cidade (urbanas), as pessoas criam e recriam laços, produzem formas de comportamentos e edificam suas relações.

A cidade dentro do seu contexto social, político e económico, tem o dinheiro como principal meio de obtenção de produtos quase que de todo tipo, sendo por isso espaço propício para intensificação do comércio, uma das expressões da modernidade e urbanidade.

Os moradores têm cada vez mais se preocupado em ganhar dinheiro, pondo pequenas barracas, cantinas nos prédios, salões de cabeleireiro no fundo dos quintais, nos passeios onde colocam produtos alimentícios, calçado, roupas, entre outros produtos. Sendo assim a oportunidade pode ser entendida não só como acesso mas também como procura, neste caso evidenciado pela criação de negócios de geração de renda.

A partir da rotina dos moradores pudemos compreender que estão envolvidos na organização social, política e económica que a cidade proporciona, que o que os guia dentro dela e se reproduz através da sua manutenção pelo ciclo de actividades é o dinheiro que aparece como o elemento universal de ter acesso aos bens e serviços e proporciona o seu bem-estar, por isso suas actividades se circunscrevem em sua volta.

A pesquisa permitiu pensar a cidade tendo em conta as duas abordagens acima ilustradas, mas, não de forma separada, pois a cidade por si só não pode explicar o que ocorre dentro dela, mas tendo em conta as dinâmicas sociais a partir das representações culturais dos seus membros. Por tratar-se de uma pesquisa de carácter exploratória, não se apresentam estes dados como únicos e finais ou absolutos, mas susceptíveis de ter possíveis limitações.

## **Bibliografia**

- Agier, Michel. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome. 216p.
- Berger, PL, & Luckmann, T. 1967. *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Jardim City, NY: Anchor Books.
- Coelho, Teixeira. 2008. *A cultura pela cidade*. São Paulo: Itaú Cultural/Iluminuras.
- Cordeiro, Graça Índias 1997. *Um lugar na cidade: cotidiano, memória e representação no bairro da Bica*. Lisboa, D. Quixote.
- Durham, Eunice. 1986. *A sociedade vista da periferia*. São Paulo.
- Fernandes, António. 1992. *Espaço Social e suas Representações*. Porto. *Comunicação apresentada ao VI Colóquio Ibérico de Geografia, Porto*.
- Gluckman, Max. 1987. "Análise de uma situação social na Zululândia Moderna" in *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo. Global Universitária. Pp 227-262.
- Gomes, Renato. 2008. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro. Rocco.
- Gutterres, Anelise dos Santos. S/d. Apego ou Desapego? Um exercício interpretativo sobre risco e vulnerabilidade a partir da demolição de casarios antigos em Porto Alegre/RS
- Hannerz, Ulf. 1980. "The View from Copperbelt" in *Exploring the City: Inquiries toward an Urban Anthropology*. New York, Columbia University Press.
- Howes, D. & S. Rosa De. 2010. "O futuro da antropologia sensorial / a antropologia dos sentidos", *Antropologia Social* 18 (3): 331-40.
- Ingold, T. 2000 *A percepção do meio ambiente: Ensaio sobre habitação subsistência, e habilidade*. Londres: Routledge.
- Instituto Nacional de Estatística. 2010. *Anuário Estatístico da cidade de Maputo*. 1ª edição. Maputo.

Lemos, M. 1987. “Maputo, deste lado da cidade: considerações sobre a toponímia da cidade” in *Centenária da Cidade de Maputo 1887-1987*. Maputo. Boletim Semestral do Arquivo Histórico de Moçambique. Nº 2. Outubro de 1987. P: 5-18.

Magnani, J. 1999 *Transformações na Cultura Urbana das Grandes Metrôpoles*, in Moreira, A. *Sociedade global: cultura e religião*. Petrópolis, Vozes.

Minayo, M e Sanchez. 1993. “Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade”? *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3): 239-262.

Rocha, Ana e Eckert, Cornelia. 2010. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. RUA [online]. no. 16. Volume 1 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade* <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Salvador, Cristina. 2004. *Mutações periféricas das cidades africanas*. Comunicação apresentada em Barcelona de 12 a 15 de Janeiro de 2004.

Simmel, G. “A Metrópole e a Vida Mental” in Velho, O. (org.). 1979. *O Fenômeno Urbano*. 4ª Edição. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

Uriarte, Urpi Montoya. Cronistas da cidade e cultura urbana em inícios do século XX: os costumbristas de Lima e João do Rio. Universidade Federal da Bahia.

Vialli, Joalex. 2006. O imaginário da cidade: percepção espacial dos estudantes da Universidade Federal de Viçosa e da população de Viçosa. Minas Gerais.

Wirth, Louis. 1979. O urbanismo como modo de vida in Velho, Otávio (org.). *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.